

# ANÁFORA, CATÁFORA E DISCURSO: O GÊNERO NOTÍCIA JORNALÍSTICA EM FOCO

Sandro Luis da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Apresentamos uma análise comparativa entre duas notícias jornalísticas - uma da *Folha de São Paulo* e outra de *O Globo* - do mês de outubro de 2010, quando ocorreram as eleições para Presidente da República no Brasil. Evidenciamos os recursos anafóricos e catafóricos e seus possíveis efeitos de sentido no discurso midiático. Para atingir nosso objetivo, a base teórica pauta-se em Charaudeau (2012), Maingueneau (2002, 2008, 2010 e 2014), Sullet-Nylander (1998), Calabrese (2012) e Ringoot e Utard (2009). A análise do *corpus* revelou que esses mecanismos levam a um posicionamento discursivo em relação ao evento noticiado o ethos discursivo do enunciador.

**Palavras-chave:** Discurso. Anáfora. Catáfora.

## Considerações Iniciais

As diversas mídias, impressas ou digitais, para além de informar “democraticamente”, procuram persuadir o leitor/ouvinte/telespectador, para que este de credibilidade, por exemplo, à informação transmitida em uma dada situação enunciativa.

Como afirma Charaudeau (2012, p. 15), “Informação, comunicação, mídias, eis as palavras de ordem do discurso da modernidade”. A finalidade primeira das mídias é, assim, a informação, seja sobre um fato, seja sobre um produto, mediando as relações entre os sujeitos envolvidos em uma determinada sociedade. Dessa forma, a relação que se estabelece com seu coenunciador é a de informar, primordialmente.

E, com esse propósito, elas utilizam diferentes estratégias linguístico-discursivas, considerando, evidentemente, o espaço social das questões relacionadas não só ao evento

---

<sup>1</sup> Doutor em Língua Portuguesa pela PUC/SP. Professor Adjunto de Língua Portuguesa Universidade Federal de São Paulo e coordenador do Programa de Pós-Graduação. [vitha75@gmail.com](mailto:vitha75@gmail.com)

que noticiam, como também ao lugar da produção, veiculação e recepção dos textos, que trazem determinado(s) discurso(s).

Podemos considerar que os eventos midiáticos são fragmentos de uma dada realidade, já que reflete uma multiplicidade de olhares e de percepções que recaem sobre um evento. Os discursos que se referem a esses eventos possuem especificidades, por conta da atuação dos sujeitos que pertencem a um mundo social constituído por regras. Esses sujeitos estão situados em um aqui e um agora; ocupam um lugar de onde falam, levando em conta as possibilidades de dialogar com os outros sujeitos que pertencem a seu grupo social ou a outros, mas sempre visando, com eles, à interação.

Os meios de comunicação se valem de variados gêneros discursivos para veicular uma determinada informação. Os jornais, por exemplo, utilizam as notícias, que são práticas sociais que procuram interagir com um contexto social e histórico, possibilitando a produção de sentido(s) para cada situação de comunicação.

Recorremos a Verón (1981), o qual afirma haver uma relação entre o dito e as modalidades do dizer, que acaba por diferir um enunciado de outro. Esse fato leva o enunciatário, a quem é dirigido o enunciado, a constituir uma imagem daquele que fala (enunciador); entre eles se estabelece uma relação no e pelo discurso. É por meio dessas modalidades (modo de dizer) que se criam os “contratos de leitura”, dispositivo da enunciação que é adotado por um suporte.

O gênero discursivo, de acordo com Maingueneau (2014 p. 66), deve ser entendido “como instituição de fala, dispositivo de comunicação sociohistoricamente determinando: o telejornal, a consulta médica, o guia turístico, a reunião do conselho de administração...”<sup>2</sup>. Os gêneros, portanto, estão ligados à prática discursiva, levando os sujeitos a interagirem entre si.

Tendo em vista essas considerações iniciais, propomos apresentar uma análise comparativa entre duas notícias jornalísticas - uma da *Folha de São Paulo* e outra de *O Globo* - dois jornais de grande circulação nacional. As notícias foram publicadas em Outubro de 2010, quando ocorreram as eleições para Presidente no Brasil. O estudo evidencia alguns mecanismos linguístico-discursivos, dentre os quais podemos mencionar os recursos anafóricos e catafóricos e os possíveis efeitos de sentidos que eles

---

<sup>2</sup> “comme institution de parole, dispositif de communication sociohistoriquement déterminé: le journal télévisé, la consultation médicale, le guide touristique, la réunion du conseil d’administration...”

proporcionam ao discurso midiático, no caso, à notícia jornalística. Procuramos, ainda, mostrar como esses mecanismos levam à constituição do *ethos* discursivo de cada um dos jornais ao noticiarem aquele fato.

Para atingir nosso objetivo, dividimos o artigo em duas grandes partes: na primeira apresentamos breves considerações sobre a literatura que aborda o discurso, as mídias, o jornal impresso, o *ethos* discursivo e os recursos endofóricos. Na segunda, a análise do *corpus* escolhido para este trabalho, seguida das considerações finais e das referências.

A base teórica pauta-se em Chauradeau (2012), Maingueneau (2004, 2008 e 2014), Sullet-Nylander (1998), Calabrese (2012) e Ringoot e Utard (2009), autores que evidenciam as interfaces entre o discurso e as mídias.

## **Revisão da Literatura**

Vários são os modos como um jornal pode estruturar a notícia. Essa organização acaba por revelar características do discurso jornalístico que, segundo van Dijk (2008), deve ser tratado como aquele que objetiva construir a opinião para o público.

Afirmamos anteriormente que o jornal é constituído por diversos gêneros discursivos. Ao tratarem dos gêneros jornalísticos, Ringoot e Utard (2009) afirmam que os gêneros podem ser vistos em diferentes perspectivas. Assim, no discurso midiático existem uma multidimensionalidade de gêneros. Nas palavras dos autores, "Os gêneros são assim definidos tanto como a manifestação universal da mente humana em sua capacidade de dizer ou representar o mundo, quer como convenções historicamente construídas refletindo *faço uma vez fala por si.*"<sup>3</sup>(RINGOOT; UTARD, 2009, p. 13).

Ao pensarmos o gênero discursivo jornalístico, faz-se necessário explicitar o que se entende por evento, uma vez que o enunciador acaba por relatar em seu texto um evento, fazendo com que o coenunciador seja "informado".

De acordo com Calabrese (2012), "Considera-se o evento como o resultado de interações sociais, que restaura o lugar dos humanos, evento determinado pela ciência e pela historiografia de Braudel, e, finalmente, incorporar em suas pesquisa eventos com

---

<sup>3</sup> "Les genres y sont alor définis soit comme la manifestation d'universaux de la pensée humaine dans sa capacité à raconter ou représenter la monde, soit comme des conventions historiquement construites reflétant la *faço* dont une époque parle d'elle-même."

desenvolvimentos semânticos a partir da teoria de ação, com o objetivo de propor uma teoria da constituição do evento”.<sup>4</sup> (CALABRESE, 2012, p. 43).

As mídias podem contribuir para circunscrever, de modo mais refinado, um determinado evento que opera por meio de novas modalidades de dissenso, mas que não são necessariamente configurações sociais.

A autora ainda afirma, em relação ao evento, que “a definição do conceito não é clara: um evento é uma ocorrência singular, imprevisível, que não se repete, em outras palavras, um fato notável”<sup>5</sup>(IDEM, p. 46).

O evento midiático não é somente reduzido a um fato, dentro da mesma forma que os eventos históricos. Há um processo que acaba por utilizar este tipo de evento, dando a ele publicidade, tornando-o relevante naquele momento em que é noticiado.

Para Verón, "eventos sociais não soam objetos que encontramos em algum lugar na realidade, e os meios de comunicação querem nos levar a conhecer suas propriedades e avatares com diferentes graus de fidelidade: eles existem na medida em que estes meios evidenciam de que forma eles acontecem". (VERÓN, 1981, p. 8).

Dentro do domínio discursivo jornalístico encontramos, então, a notícia. Para Bahia (2009, p. 45), “a notícia adquire conteúdo e forma, expressão e movimento, significado e dinâmica para fixar ou perenizar um acontecimento, ou para torná-lo acessível a qualquer pessoa.”. Este gênero discursivo deve reunir alguns elementos, como interesse, importância, atualidade, veracidade. Portanto, o enunciador precisa se valer de algumas estratégias linguístico-discursivas que despertem esse “interesse” do coenunciador que, por sua vez, observa relevância no evento que está sendo noticiado.

O gênero notícia é construído por meio de duas categorias semânticas: inusitada e atual. A primeira gera a seleção do que ocorre no mundo e que não participa do cotidiano da vida das pessoas. A segunda, por sua vez, guia a seleção de eventos a partir do que ocorre no dia a dia e em um momento muito próximo à publicação da notícia.

Para Bahia,

---

<sup>4</sup> considérer l'événement comme le fruit d'interactions sociales, rétablir la place de l'événement dans les sciences humaines par l'historiographie braudélienne, et, enfin, incorporer aux recherches sur l'événement les développements sémantiques issus de la théorie de l'action, le but étant de proposer une théorie de la constitution de l'événement"

<sup>5</sup> "la définition du concept n'est pas neutre: un événement est une occurrence singulière, imprévue, non répétable,, autrement dit 'un fait notable'".

são elementos úteis ao conteúdo das notícias, para completá-las e valorizá-las: apuração, correção, concessão, pesquisa, comparação, interpretação, seleção. As notícias que chegam pelo jornal, rádio ou televisão a seus destinatários não devem ser apenas relatos fieis, mas o reflexo de critérios e valores que as tornaram possíveis. (IDEM, p. 49).

Essa observação põe-nos a pensar o *ethos* discursivo, uma vez que, ao escolher os “critérios e valores”, o enunciador leva o coenunciador a construir uma imagem daquele que enuncia. As escolhas não só do fato a ser noticiado, como também das estratégias a serem empregadas, são reveladoras do *ethos* discursivo do enunciador.

Amossy (2008, p. 138) afirma que “(...) a construção da imagem de si no discurso tem, em contrapartida, a capacidade de modificar as representações prévias, de contribuir para a instalação de imagens novas e de transformar equilíbrio, contribuindo para a dinâmica do campo”.

O *ethos* discursivo se realiza na enunciação, ideia ratificada por Maingueneau (2008, 2010).

No processo de articulação do discurso, vários podem ser os mecanismos que levam o enunciador à construção de enunciado que produza efeitos de sentido diversos. Dentre eles, podemos citar a anáfora e a catáfora, mecanismos dos quais muito já foi dito pelos estudos linguísticos. Alguns autores, seja da Linguística Textual, seja da Análise de Discurso, mostram o funcionamento dessas duas estratégias linguístico-discursivas como das mais utilizadas e eficazes para progressão discursiva (MAINGUENEAU, 2011; KOCH e MARCUSCHI, 1998). Ao se propor uma análise de mecanismos catafóricos e anafóricos, é preciso considerar, preliminarmente, as questões sobre referência, que diz respeito aos itens da língua que se relacionam a outros elementos necessários à sua interpretação. Existem dois tipos de referência: a situacional, cuja remissão é feita a alguns elementos que se encontram fora do texto e a textual, em que a remissão é feita nos limites do próprio texto no qual o referente está situado.

A referenciação constitui-se como uma atividade discursiva em que

(...) o sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido (KOCH, 2008, p. 61).

A anáfora e a catáfora, chamados de endofóricos (MAINGUENEAU, 2004), constituem elementos de coesão, conferindo ao discurso uma unidade de sentido e contribuem para a construção de possíveis sentidos. Há muito que esses recursos deixaram de ser simplesmente elementos de retomada ou de antecipação de um referente, isto é, de um objeto de discurso.

Segundo Marcuschi, as anáforas são

Expressões definidas [e expressões indefinidas e pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões nominais [ou informações constantes] da estrutura textual precedente [ou subsequente] e que têm das funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes [até aí não nomeados explicitamente] e a continuação da relação referencial global. (MARCUSCHI, 2005, p. 59).

Dentro de uma concepção discursiva, que é a adotada neste artigo, a anáfora não é mais repetição de palavras e/ou expressões. De acordo com o linguista (idem, p. 55),

(...) hoje, na acepção técnica, [o conceito de anáfora] anda longe da noção original (...). [Este] termo é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdo ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial.

Podemos afirmar, então, que a anáfora, na abordagem discursiva possibilita a recategorização de referentes, que é a reativação de um objeto anteriormente ativado na realidade discursiva.

Existem, ainda, os elementos correferenciais que são dois itens de formas diferentes ou iguais, que ativam o mesmo referente. Há uma correferência entre duas expressões quando elas designam no discurso o mesmo referente.

Apothéloz (2003) traz algumas classificações dos elementos endofóricos, como, por exemplo, anáfora fiel/infiel, anáfora por nomeação, anáfora por silepse, anáfora associativa, anáfora redutiva. Além dessas, Maingueneau (2004) aponta a anáfora lexical e a correferência.

Podemos ainda fazer referência às aspas, ao discurso direto e ao discurso indireto, que também produzem diferentes efeitos de sentido ao serem utilizados na esfera discursiva jornalística.

## **Anáfora, catáfora e a notícia jornalística: análise do *corpus***

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita dos dois textos que compõem o *corpora* deste artigo, precisamos trazer à baila alguns elementos que procuram explicitar o contexto das notícias. A primeira retirada da *Folha de São Paulo* foi publicada no Caderno Eleições 2010 - Presidente 40, o qual passa a constituir a publicação diária a partir do dia 05 de setembro. Até então, as notícias relativas ao período eleitoral para presidência da república encontravam-se no 1. Caderno, na rubrica “Poder”. Nesse caderno também se encontrava o espaço para noticiar sobre a eleição para governador e deputados nos Estados brasileiros, sobretudo São Paulo. A primeira página desse caderno serve de “vitrine” ou “índice” para o leitor, uma vez que traz uma notícia sobre os candidatos à presidência, em destaque, com foto e, na parte inferior, as notícias que estavam presentes naquele caderno.

O jornal *O Globo*, por sua vez, considerando o mesmo período, em nenhum momento produziu um caderno separado para tratar das eleições. As notícias eram publicadas no Primeiro Caderno. Na primeira página, encontrava-se a rubrica “eleições 2010”, com uma reportagem sobre as eleições, mas que não precisam ser necessariamente sobre os candidatos à presidência.

Ressaltamos que este jornal, em relação estilo, apresenta-se bem diferente de a *Folha de São Paulo*. Os títulos eram bem mais “provocativos”, com enunciados ambíguos, interrogativos, com interessantes jogos de palavras, além de associar o título a uma figura. O enunciador de *O Globo* vale-se de algumas estratégias linguístico-discursivas, que, muitas vezes, fogem das “regras” deste gênero, as quais procuram atrair o leitor para a leitura do corpo da notícia.

Vamos às análises. Primeiramente, vejamos o título da notícia de 01 de outubro de 2010, retirado da *Folha de São Paulo*:

### ***Verde diz que tucano perderia no 2. turno***

Título formado por um período composto: uma oração principal e uma oração subordinada substantiva objetiva direta, caracterizando um discurso indireto. Não se trata, em termos discursivos, somente de uma oração subordinada, mas mostra haver um discurso relatado, tendo em vista o verbo *dicendi* (diz). Segundo Maingueneau (2004), o

*Revista de Letras Norte@mentos*

discurso indireto é uma forma de citação, com esquema enunciativo próprio. Para o autor, “com o discurso indireto, o enunciador tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o conteúdo do pensamento [...]” (MAINGUENEAU, 2004, p. 149).

Na primeira oração, o verbo está no presente do indicativo (o que remete o texto ao momento enunciativo - eleição presidencial) e o segundo no futuro do pretérito. Esse tempo verbal é usado denotando a ideia de que não estaria definido o adversário de Dilma Rousseff, se houvesse o segundo turno.

O título da notícia não traz o nome dos dois candidatos principais que fazem oposição a Dilma Rousseff, candidata do PT que liderava as pesquisas na intenção de voto para presidente da República naquele momento; o enunciador opta por caracterizá-los pelo nome que representa os respectivos partidos - “tucano” e “verde”. Trata-se de uma designação indireta, já que o uso desses nomes aponta propriedades para chegar ao referente. As propriedades são as que designam o partido de cada um dos candidatos. Como afirma Maingueneau (2004, p. 133), “[...] já o nome próprio designa diretamente seu referente”, o que não acontece no título da notícia.

“Verde” e “tucano” são duas catáforas, pois antecipam uma informação que só será explicitada no corpo da notícia. Evidentemente que, se o leitor tiver conhecimento prévio sobre o processo eleitoral para presidente no Brasil, reconhecerá no signo “verde” a candidata Marina e em “tucano”, José Serra. É importante ressaltar que só o conhecimento linguístico não é suficiente para que o coenunciador compreenda o enunciado. No entanto, parte-se do princípio de que o enunciador conheça o coenunciador: este é um leitor do jornal impresso, o que autoriza ao jornal o uso desse mecanismo. Há de considerar o público-alvo da *Folha de São Paulo*: pessoas escolarizadas, pertencentes à classe média e à classe alta, o que também nos leva a pressupor que ele tenha o conhecimento desse evento.

Em relação ao corpo da notícia, pode-se dizer que o enunciador recorre por várias vezes ao uso do sinal de pontuação das aspas. Conforme Douglas (1966), “normalmente as aspas são usadas para identificar citações ou marcar palavras alheias ao idioma, sejam expressões estrangeiras ou termo de gíria”. Maingueneau (2004, p. 160) alerta que as aspas “[...] sem romper a ordem da sintaxe, enquadram tipograficamente os elementos

sobre os quais recaem”. Para exemplificar o uso desse sinal de pontuação, escolhemos o seguinte exemplo, retirado da notícia:

*Ela disse ser a única opção de “segundo turno viável” contra a petista, [...]*

Segundo Maingueneau (2004), o sinal de pontuação das aspas constitui-se em uma modelização autonômica discreta e a mais frequente. O exemplo retirado do jornal *Folha de São Paulo* exemplifica esse caso. Ao usar as aspas, o enunciador atribui a fala à candidata Marina, eximindo-se de qualquer responsabilidade sobre o termo marcado; há uma transferência de responsabilidade pelo dito. Esse recurso linguístico leva o leitor a construir um *ethos* do enunciador da Folha: imagem de um sujeito responsável pelo que publica; “segundo turno viável” é um enunciado produzido pela candidata do Partido Verde e não da Folha.

No primeiro parágrafo são usadas para citar um Sintagma Adverbial da fala de Marina Silva, que será transcrito posteriormente, mas que, de certa forma, corresponde ao núcleo de seu posicionamento em relação a Serra. Esse mesmo recurso, com essa mesma finalidade, é usado no segundo parágrafo (“segundo turno viável”). O enunciador vai criando esses recursos despertando a curiosidade do leitor em saber o porquê de tais falas da candidata do PV, as quais só serão explicitadas no terceiro parágrafo.

Em relação a Marina Silva, o corpo do texto vale-se da anáfora infiel “senadora”, cargo que a candidata ocupava até antes da eleição. Esse recurso é caracterizado pelo mecanismo em que o nome anaforizante não é o mesmo que aquele do termo anaforizado. No caso dessa notícia, temos caracterizada a co-referência, tendo em vista que ambos os termos se referem ao mesmo referente, no caso, a candidata à Presidência da República pelo Partido Verde. Magalhães (2010) afirma, em relação ao referente, que “os referentes passam a ser, assim, não uma entidade congelada que herdamos e transferimos, mas uma instância de referencialidade construtivamente indeterminada e efêmera. (MAGALHÃES, 2010, p. 125). Observamos que o referente/objeto de discurso vai se constituindo no discurso, levando o coenunciador a construir sentidos para ele, introduzido pelo processo anafórico; no exemplo, configura-se em uma anáfora dêitica, já que faz “apelo ao ponto de origem em que se situa o falante, ou co-enunciador”.

(IDEM, p. 126). O *ethos* construído por meio desse processo caracteriza-se por um sujeito distante da candidata, sugerindo uma relação formal, tratando-a pelo cargo que ocupa(ra) até antes da eleição.

No segundo parágrafo ele retoma o nome Dilma Rousseff (PT) por meio do sintagma nominal “a petista”. O artigo definido funciona como uma dêixis, que denota as distinções envolvendo proximidade; ele implica o pressuposto de que há apenas um entidade que satisfaz a informação descrita no SN; ele funciona para instruir o coenunciador no sentido de informar o referente a que faz alusão e que este já fora mencionado no contexto ou no contexto. Como aponta Koch (2001), o artigo definido se refere não só a um elemento textual anterior, mas também a um elemento do contexto situacional cuja referência é partilhada pelos interlocutores, por intermédio de inferências. Para ela, o uso do artigo é extremamente dependente do conjunto de circunstâncias, linguísticas ou não, que cercam a produção do enunciado.

Marina, no discurso direto, refere-se aos adversários como “candidatura”- no terceiro parágrafo (“... capaz de concorrer efetivamente com a candidatura que está em primeiro lugar. A candidatura do PSDB, até pelos erros...”). São duas anáforas infíeis, pois retomam, por meio de outro léxico, o SN “o adversário José Serra (PSB)” e “Dilma Rousseff (PT)”. O discurso direto, segundo Maingueneau (2004, p. 140), “não se contenta em eximir o enunciador de qualquer responsabilidade, mas ainda simula restituir as falas citadas e se caracteriza pelo fato de dissociar claramente as sus situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado”.

Esta notícia é marcada pelo uso do discurso direto (quando transcreve a fala de Marina) e pelo discurso híbrido em que o enunciador 1 procura retratar o pensamento de Marina, inclusive citando algumas passagens da fala da candidata.

Na fala de Marina, no 4. parágrafo, há a presença do pronome demonstrativo “esta”, anafórico, pois retoma o primeiro período com que ela inicia o discurso (“Nós somos o segundo turno viável, que de fato tem condições de disputar para valer. Esta é a vantagem...)

Como podemos observar, a notícia jornalística trazida pela *Folha de São Paulo* evidencia, por meio dos recursos linguístico-discursivos, em especial a anáfora e a catáfora, não só a progressão temática, como também a coerência textual, levando o leitor

a construir uma imagem do enunciador que, neste caso, é de um sujeito que procura retratar o evento tal qual ele ocorreu, sobretudo quando evidencia o discurso direto.

Observemos a notícia publicada em *O Globo* na mesma data, ou seja, 01 de outubro de 2010. Diferentemente da *Folha de São Paulo*, o enunciador daquele jornal traz o título da notícia constituído por um Sintagma Nominal:

### *Antes do debate, balanços e críticas*

Este Sintagma Nominal (SN) também apresenta uma catáfora, pois leva o leitor a pressupor que trará no corpo da notícia a avaliação que os três candidatos fazem do período eleitoral, considerando, evidentemente, o contexto da produção do discurso. Vale a pena evidenciar que a catáfora não é apenas uma antecipação de algo, mas contribui para a construção de discursos e seus possíveis efeitos de sentido dentro de uma dada enunciação. Por meio desse recurso (SN), o enunciador comunica a mensagem de forma dinâmica, objetiva e concisa. De acordo com Sullet-Nylander (1998, p. 58), esse tipo de construção faz com que se chegue “à un degré maximum de condensation de l’information, tandis que du point de vue morphosyntaxique l’énoncé est minimal”.

Uma outra estrutura que aparece nesta notícia (e que não constituía notícia da *Folha de São Paulo*) é o lide: "Dilma lamenta tentativa de ‘demonizar’ candidatura, Marina diz que Serra não é viável, e tucano diz que petista se escondeu. O enunciador opta por utilizar o nome próprio dos candidatos, remetendo o texto diretamente ao referente."

Há dois elementos anafóricos: “tucano” que recupera Serra e “petista”, que se refere a Dilma. É importante, mais uma vez, observar que só o conhecimento linguístico não leva a uma compreensão geral do lide da notícia. De acordo com Maingueneau (2004, p. 193), “as designações anafóricas, quer se trate de pronomes ou de nomes com determinante definido ou demonstrativo, supõem que se leve em consideração o contexto (...)”. Assim, “tucano” e “petista” ganham sentidos dentro do enunciado, não constituindo uma simples retomada dos termos mencionados anteriormente.

Os nomes próprios utilizados no corpo do texto retomam os referentes do lide da notícia; há apenas uma atribuição de propriedade - “os principais candidatos à presidência” - que lhes é atribuída. O nome próprio dá consistência particular a um

determinado agenciamento que existe independentemente de sua existência. Vale lembrar que os marcadores linguísticos mais claros de relações sociais são os nomes pelos quais uma pessoa é tratada, incluindo o nome próprio ou o apelido. Interessante observar que durante todo o período em que aparece uma referência aos candidatos, somente Serra é tratado apenas pelo sobrenome ou por “José Serra”, diferentemente de Dilma Rousseff e Marina Silva. Esta, por sua vez, nunca é tratada pelo sobrenome. Inferimos que tal ocorrência se deva pelo fato de que “José” e “Silva” sejam nomes mais comuns no Brasil, o que não atribuiria a esses candidatos uma relação direta entre nome e pessoa.

Há o emprego do possessivo “suas”, referindo-se ao nome “campanhas”, mantendo a coesão e contribuindo para a progressão textual. Trata-se de um recurso anafórico em que o enunciador explicita um jogo com o leitor, levando-o a recuperar um termo dito anteriormente e que concentra no tema da notícia, ou seja, a ação dos presidenciáveis na campanha eleitoral.

Ainda, em relação à estratégia da anáfora, ocorre o emprego de “os concorrentes”, para se referir a Dilma e a Serra. Também constatamos o uso do SN “o tucano” para retomar o nome próprio Serra. É uma retomada anafórica e a atribuição de propriedade ao candidato José Serra, referindo-se a ele, mais uma vez, pelo símbolo do Partido (PSDB). O artigo definido se refere, então, não só a um elemento textual anterior, mas também a um elemento do contexto situacional cuja referência é partilhada pelos interlocutores, por intermédio de inferências (KOCH, 2001, p. 478).

Vale ressaltar a presença de nomes definidos pelo artigo definido “os” (“os concorrentes”), “o” (“o tucano”) é usada como mecanismo de coesão lexical. A anteposição do artigo ao nome tem como finalidade resgatar, no ato interativo, um nome cuja referência já ocorreu textualmente (referência anafórica) ou um nome cuja referência pode ser depreendida do conhecimento do interlocutor, no plano extralinguístico, a partir das pistas do contexto de comunicação (referência dêitica). Usado numa expressão referente definida, o artigo implica o pressuposto de que há apenas uma entidade que satisfaz a informação descritiva do SN. O artigo funciona para instruir o coenunciador no sentido de informar que alguma entidade está sendo referida.

Essa dupla função do artigo (dêitica e anafórica) é ressaltada por Azeredo (1990, p. 55) para quem, "O artigo definido serve para determinar um nome cujo referente se pressupõe dado ou conhecido para o interlocutor – daí sua natureza dêitica – ou que já

tenha sido mencionado ou referido no cotexto do discurso – daí seu papel anafórico ou textual.”.

Ainda em relação a esses nomes, temos um caso de anáfora infiel, já que, mais uma vez, ao retomar o termo anterior, o enunciador o faz por meio de outro nome. Entendemos que essa escolha lexical sugere valores, posicionamento em relação aos referentes.

### **Considerações finais**

Propusemos neste artigo uma reflexão sobre os mecanismos endofóricos - anáfora e catáfora - e seus possíveis efeitos de sentido, a partir da análise de duas notícias jornalísticas que traziam como tema as eleições para presidente da República no Brasil, em 2010.

A primeira notícia, retirada do jornal impresso *Folha de São Paulo*, retratou uma entrevista concedida à imprensa pela candidata do Partido Verde, Marina Silva. A segunda, publicada no jornal *O Globo*, tratou do balanço sobre o último debate ocorrido entre os candidatos à presidência.

Pudemos observar que para construir possíveis sentidos para os discursos apresentados pelos enunciadores, só o conhecimento linguístico não era suficiente; o coenunciador precisaria contextualizar as duas notícias.

Os recursos linguístico-discursivos da anáfora e da catáfora demonstraram que não se constituem apenas em elementos de coesão textual, mas são responsáveis progressão temática, auxiliando o leitor a compreender os enunciados e construir sentidos para o discurso.

As escolhas feitas pelos enunciadores dos dois jornais corroboram para a constituição do ethos discursivo dos jornais. Por um lado, percebe-se que a *Folha de São Paulo* coloca em evidência os candidatos Dilma Rousseff e José Serra, mesmo ao retratar um fato em que o sujeito principal era Marina Silva. Além disso, a notícia é permeada pelo uso de aspas, atribuindo toda a fala à candidata do Partido Verde. Por outro lado, o enunciador de *O Globo* procura mostrar os pontos favoráveis e desfavoráveis dos três candidatos com maior intenção de voto naquele momento eleitoral.

Pelo que apresentamos, é possível dizer que a anáfora e a catáfora constituem-se em dois mecanismos que contribuem tanto para a progressão textual como para a

construção de sentido do discurso, evidenciando posicionamentos do enunciador em relação os objetos de discurso.

Como vemos, é possível dizer que muito se pode explorar em relação aos elementos endofóricos em relação à constituição discursiva. Anáfora e catáfora não são apenas mecanismos de preservação de referentes ou objetos de discurso, tampouco mecanismos de preservação temática. Elas contribuem para a construção de sentido, revelando posicionamento, ideologias, modos de se ver e tratar um determinado fato da realidade.

## Referências

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso - a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2008.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual Em: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. (orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 53-84, 2003.

AZEREDO, J. . *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BAHIA, J. *As técnicas do jornalismo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

CALABRESE, L. *L'événement en discours - presse et mémoire sociale*. Paris: L'Harmattan-Academia, 2012.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Trad. Angela M. S. Correa. São Paulo: contexto, 2012.

DOUGLAS, J. *Jornalismo: a técnica do título*. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

FOLHA DE SÃO PAULO, 1. de outubro de 2010.

KOCK, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. V. e MARCHUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. DELTA 14 (número especial). São Paulo, 1998, p. 169-190.

MAGALHÃES, M. C. e LIMA, S. M. C. (orgs.). *Referenciação : teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2013.

MAGALHÃES, M. C. “Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram” in KOCH, I. V., MORATO, E. M. e BENTES, A. C. Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2010, p. 125-149.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. *Discours et analyse du discours*. Paris: Armand Colin, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. et al. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005  
O GLOBO, 1. de outubro de 2010.

RINGOOT, R. et UTARD, J. M. *Les gentes journalistiques - savoirs et savoir-faire*. Paris: L’Harmattan, 2009.

SULLET-NYLANDER, F. *Le titre de presse - analyses syntaxique, pragmatique et rhétorique*. Stockholm: Thèse pour lo doutoral, 1998.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

VÉRON, E. *Construire l’événement*. Paris: Minuit, 1981.

## **ANAPHORA, CATAPHORA AND SPEECH: THE NEWS GENRE JOURNALISM IN FOCUS**

### **ABSTRACT**

We present a comparative analysis between two pieces of news - one of *Folha de São Paulo* and one of *O Globo* - the month of October 2010, when there were elections for president in Brazil. We showed the anaphoric and catafóricos resources and its possible effects of meaning in media discourse. To achieve our goal , the theoretical basis is guided in Charaudeau ( 2012 ) , Maingueneau (2002 , 2008 , 2010 and 2014 ) , Sullet - Nylander (1998 ) , Calabrese ( 2012 ) and Ringoot and Utard (2009). The analysis of the corpus revealed that these mechanisms lead to a discursive positioning in relation to the event reported the discursive ethos of the enunciator.

**KEYWORDS:** Discourse. Anaphora. Cataphora.

Recebido em 20/02/2017.  
Aprovado em 05/05/2017.